



A topofobia em *a hora da estrela*

Ludmilla Carvalho Fonseca¹

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo abordar o conceito de topofobia em *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, demonstrado através da composição da personagem Macabéa. Na tentativa de capturar a perda das relações humanas, buscou-se mostrar a importância da topofobia na qual Macabéa está inserida. Utilizou-se das concepções: fenomenológica, psicológica e existencial, contida de forma implícita no romance, para discutir o estranhamento ao espaço vivido que Macabéa está submetida.

PALAVRAS-CHAVE: Topofobia; Fenomenologia; A Hora da Estrela.

ABSTRACT:

This paper has the objective to discuss the concept of fear of the place in *The Hour of Star*, demonstrated through the composition of the character Macabéa. In the attempt to capture the loss of the human relations, it is intended to show the importance of the fear of the place that Macabéa is inserted. The conceptions: phenomenological, psychological and existential are included in the novel of implicit way and they are used to discuss the aversion to lived place that Macabéa is subdued.

KEYWORDS: Fear of the place; Phenomenology; The Hour of the Star.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As relações humanas tornaram-se progressivamente impossíveis, o que reduz, na mesma proporção, a quantidade de peripécias de que se compõe uma vida. E, aos poucos, o rosto da morte aparece, em todo o seu esplendor (HOUELLEBECQ, 2004, p. 18).

¹ Mestre em Literatura – UnB. milaunb@yahoo.com.br

Enfatizar o caráter topofóbico em *A Hora da Estrela* é debruçar sobre a condição subjetiva que existe entre as personagens do romance e as configurações espaciais nas quais elas estão envolvidas. Todavia, Macabéa sintetiza essa condição psicológica contida no texto.

Na tentativa de capturar a perda das relações humanas, que a autora Clarice Lispector demonstra através do seu escrito, buscou-se mostrar a importância da topofobia na qual Macabéa está inserida. Portanto, utilizou-se das concepções fenomenológicas, passando pela lógica psicológica e existencial, contida de forma implícita no romance, para discutir o estranhamento ao espaço vivido que Macabéa está submetida.

Tendo como objetivo fazer uma breve relação entre filosofia fenomenológico-existencial, se utilizando do conceito de topofobia, e o romance *A Hora da Estrela*, estruturou-se o artigo em duas partes. No primeiro momento, destacou-se *o universo intersubjetivo em A Hora da Estrela*. Nessa parte, discutiu-se a estrutura da narrativa e identificou-se os aspectos subjetivos e psicológicos. No segundo momento, mostrou-se a relação entre Macabéa e a topofobia e o devaneio. Nesse item, enfocou-se a noção de espaço vivido e de topofobia na qual a personagem estava inserida.

O UNIVERSO INTERSUBJETIVO EM *A HORA DA ESTRELA*

Os romances *A Hora da Estrela* e *Um Sopro de Vida*, de acordo com Nunes (1995, p. 160), “permitem desvendar, por uma sorte de efeito retroativo, certas articulações da obra inteira de que fazem parte, dentro do singular processo criador da ficcionista, centrado na experiência interior, na sondagem dos estados da consciência individual [...]”

De um modo geral, os romances de Clarice Lispector são caracterizados por: pensamento inquiridor; personagens com dimensão em profundidade; domínio do mundo subjetivo sobre o mundo objetivo; coerência filosófica (BRASIL, 1986); experiência interior; sondagem dos estados da consciência individual; perspectiva da introspecção (NUNES, 1995).

Segundo Assis Brasil (1986), foi com o romance *A Paixão Segundo G. H.*, caracterizado por uma nova mentalidade e por novos recursos estéticos que Clarice Lispector, inserida no movimento modernista, provocou inovações na ficção brasileira.

De acordo com Marini (1997), desde as primeiras construções teóricas, Freud associa a literatura à análise de seus pacientes e à sua auto-análise para construir seus conceitos, como por exemplo, *o complexo de Édipo*.

Essa relação da teoria de Freud com a literatura mostra a influência da psicanálise na crítica psicanalítica. De acordo com as idéias de Marini (1997, p. 45) “não se pode, pois, negar à crítica psicanalítica o direito à existência, sem recusar, ao mesmo tempo a psicanálise e a sua descoberta mais fecunda, a do inconsciente.” E ainda, “o estudo dos textos literários possibilitou à psicanálise nascente deixar o campo estritamente médico para ter acesso à posição de teoria geral do psiquismo e do devir humano.” (MARINI, op. cit, p. 46).

Em *A Hora da Estrela*, o foco narrativo que prevalece é o da *visão com*. Neste caso, de acordo com a classificação de Pouillon (apud CARVALHO, 1981, p. 15), “[...] a narrativa fica limitada ao campo mental de um só personagem. A apresentação desse campo mental pode ser feita tanto na primeira pessoa como na terceira pessoa.”

Rodrigo S. M. é uma personagem-narrador que, segundo Brait (1990, p. 64), “funciona como a lente privilegiada através da qual o leitor recebe e visualiza as personagens.”

Em *A Hora da Estrela* – assim como acontece nas demais narrativas em que prevalece a personagem-narrador como foco-narrativo – Rodrigo recupera a “existência de um outro através do registro escrito -, da dimensão que ele vai tentar resgatar.” (BRAIT, 1990, p. 65).

Rodrigo assume um papel de criador. Ele cria tanto um arquétipo² do indivíduo desubjetivado – materializado na personagem Macabéa – quanto a ação que a mesma exerce no enredo. Conforme destaca Pereira (2001), ocorre a representação da individualidade do autor enquanto criador, figurada na personagem, quando revela o princípio de sua criação.

Como foi dito, o narrador cria, através da protagonista Macabéa, um arquétipo de um ser humano desubjetivado. Segundo ele, Macabéa não pensa, não questiona, “ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando” (LISPECTOR, 1999, p. 23), ou seja, é um ser descaracterizado, e por ser obediente e não questionar sua condição existencial,

² De acordo com Jung (1984), o *inconsciente coletivo* é a camada mais profunda da psique e é formado pelos materiais que foram herdados da humanidade. Estes *traços funcionais*, comuns a todos os indivíduos, Jung (1984) denominou de *arquétipos*. Para Jung (1984), existem tantos arquétipos quanto as situações típicas da vida. Uma repetição infinita gravou estas experiências em nossa constituição psíquica, não sob a forma de imagens saturadas de conteúdo, mas a princípio somente como formas sem conteúdo que representavam apenas a possibilidade de um certo tipo de percepção e de ação.

ela vive na mediocridade, sem postura de uma pessoa com um Eu e com autonomia sobre suas vontades. Ela se alimenta no movimento despretenso do existir consumindo o nada, ou seja, existe diante de um não-querer, de um não-fazer, de um não-estar, ou mesmo de um não-existir. Sua *pre-sença* na concepção de Heidegger (2000) é apagada, ela é o *ente* do nada, se estrutura diante do que Nietzsche (1983) classifica de *niilismo negativo e passivo*.

O espaço físico em *A Hora da Estrela* é o Rio de Janeiro. Ao decidir migrar do Nordeste para o Sudeste, provavelmente, a personagem vê o Rio de Janeiro como o espaço da esperança e da mudança. Mas suas atitudes e, conseqüentemente, seu caráter, não modificam com a mudança de espaço. Esta idéia concorda com a teoria junguiana de que os arquétipos não sofrem influência de captação externa. Sendo assim, o arquétipo apresentado no romance por Rodrigo S.M.³ não é o de uma nordestina desubjetivada, e sim, o arquétipo de um ser humano desubjetivado, já que o narrador do romance é também um nordestino, mas um nordestino emancipado, um escritor consciente do que escreve.

Além do espaço físico, encontra-se no romance o espaço subjetivo⁴. Espaço este tomado pelo caráter topofóbico. Para Bachelard (1993), ao contrário do espaço poético, aquele imbuído de significado, profundidade, vivência e representações de sensibilidade afetiva, a topofobia enseja a aversão do indivíduo ao ambiente vivido, ou seja, é o espaço da aspereza e do estranhamento.

Macabéa sofreu repressão no Nordeste: cascudos na cabeça (repressão física); proibição de comer o doce que mais gostava (castração). E continuava a ser reprimida no Rio de Janeiro, só que desta vez, moralmente. Sofrendo assim um profundo estranhamento em qualquer espaço que estivesse.

No fundo ela possuía uma pequena esperança de mudar de vida, pois aceita o conselho de Glória para ir à casa de *madama* Carlota. Esta se torna um espaço de ilusão a partir das boas informações da cartomante sobre o breve futuro de Macabéa.

³ De acordo com Nunes (1995, p. 169), no romance *A Hora da Estrela* existe um esquema triádico de composição quanto às personagens: o autor interposto, representado por Rodrigo S.M., e que se apresenta como heterônimo da romancista; a personagem feminina, representada por Macabéa; e a escritora Clarice Lispector, “também ela *persona*, em sua condição patética de escritora (culposa relativamente à moça nordestina), finge ou mente – mas sabendo que finge ou mente – para alcançar uma certa verdade humana acerca de si mesma e de outrem. A escritora se inventa ao inventar a personagem. Está diante dela como de si mesma.”

⁴ Bachelard (1993) desenvolve uma crítica à noção psicológica do espaço, aquela advinda das concepções teóricas de Freud. No lugar dessas concepções, Bachelard (1993) se utiliza da perspectiva fenomenológica, propondo a noção de espaço subjetivo, ou seja, aquele dotado de significância cotidiana (espaço vivido).

A linguagem é simples e realista: “A palavra tem que se parecer com a palavra. Atingi-la é o meu primeiro dever para comigo. E a palavra não pode ser enfeitada e artisticamente vã, tem que ser apenas ela” (LISPECTOR, 1999, p. 20), esclarece o narrador.

Nota-se que a intenção de Clarice Lispector, ao escrever *A Hora da Estrela*, foi a de estabelecer uma crítica à noção de indivíduo descaracterizado, que se cala diante do mundo que está contra ele, que não questiona o que lhe oprime.

Com a condição de leitora de F. Dostoiévski, é provável que a autora tenha feito uma re-leitura do *homem ordinário*. Segundo Dostoiévski (2002, p. 269 - 270), a categoria dos homens ordinários é formada pelo material, pelas “[...] pessoas conservadoras por natureza, corretas, que vivem na obediência e gostam de ser obedientes. A meu ver, elas são obrigadas a ser obedientes porque esse é o seu destino, e nisso não há decididamente nada de humilhante para elas.”

Para fornecer um caráter realista ao romance, a autora utiliza uma linguagem simples, crítica e austera. Além disso, ela emprega o recurso da metanarrativa, sendo imaginado um narrador-personagem que é o criador do enredo.

Pode-se dizer que por meio da personagem Macabéa, C. Lispector manifesta a neutralidade da presença dos seres desubjetivados e a necessidade de que se aflore nos mesmos a capacidade de ação, reflexão e insurgência.

MACABÉA: ENTRE A TOPOFOBIA E O DEVANEIO

Diante da concepção inerte da protagonista Macabéa, propõe-se discutir sua relação de *ente* (des)subjetivado com o espaço no qual ela foi lançada (Rio de Janeiro). Ou seja, Macabéa se submete às intempéries de um espaço *estranho* a que estava acostumada a vivenciar (Nordeste). No novo universo no qual ela foi lançada, revidou contra si mesma, contra suas manifestações subjetivas e seus devaneios.

Conforme defende Heidegger (2000), o *ser-lançado* é aquele ente exteriorizado em uma mundanidade que ainda não empreendeu relações sócio-afetivas. Nesse sentido, o sujeito se sente arrebatado, exteriorizado e, principalmente, hostilizado àquele universo já organizado por outros entes. É um mundo “construído” por outros, cadenciado pela lógica objetiva/material e subjetiva/essencial de outros sujeitos. Nessa condição de *ser-lançado*, o sujeito se torna impessoal, segundo defende Heidegger (op. cit). Para superar essa condição, o ente deve promover relações afetivas com o lugar e com as outras pessoas. Se não for possível, a sua condição de impessoalidade lhe

arremessa para uma condição niilista. Heidegger (2000, p. 180) destaca que o *ser-lançado*, não encontrando significância diante da mundanidade que está inserido, limita-se à impessoalidade.

Por isso, ele além de fato à medianidade do que é conveniente, do que se admite como valor ou desvalor, do que concebe ou nega sucesso. [...] Tudo que é originário se vê, da noite para o dia, nivelado como algo de há muito conhecido. O que se conquista com muita luta, torna-se banal. Todo segredo perde sua força.

A inércia de Macabéa diante das distintas agressões que ela sofre ao se envolver com a mundanidade que está à sua volta, se sustenta no seu comportamento derrotista, mediano e impessoal. Conforme essa ideia, o narrador diz a respeito de Macabéa:

Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? Já sei: amando meu cão que tem mais comida do que a moça. Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce e obediente. (LISPECTOR, 1999, p. 26).

Mas para Sartre (2007), para se sustentar nessa realidade marcada pelo desejo de liberdade, é necessário que o indivíduo tome consciência da responsabilidade de cada sujeito. Não basta ser inerte e mediano para existir. É necessário construir ações à sua volta. Por isso, Sartre (2007, p. 678) defende que o ser está condenado a ser livre, pois:

[...] carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser. [...] Nesse sentido, a responsabilidade do Para-si é opressiva, já que o Para-si é aquele pelo qual se faz com que quer que seja a situação em que se encontre, com seu coeficiente de adversidade próprio, ainda que insuportável.

Em *A Hora da Estrela*, Macabéa não consegue se fazer diante da situação na qual está imersa, não conseguindo, desse modo, carregar nos ombros o peso da liberdade, que se materializou de forma trágica em um ínfimo momento, no episódio de seu atropelamento e morte.

Constantemente desgarrada da espacialidade que vivencia, a protagonista vê-se diante de uma mundanidade tofóbica, conforme já foi destacado anteriormente. Segundo Bachelard (1993), em oposição à tofília (espaço poético da vivência), existe a tofobia (espaço de estranhamento e aspereza). Tuan (1980) se utilizou das profundas abordagens fenomenológicas herdadas de Bachelard (1993) para construir

uma teorização geográfica dos conceitos de espaço poético (Tuan, passou a chamar de espaço vivido), topofilia (passou a se chamar de lugar) e topofobia (considerou como não-lugar ou deslugar). No caso específico da personagem Macabéa, há uma forte relação da sua concepção subjetiva existencial com a topofobia, ou não-lugar.⁵

Diante do espaço poético, o sujeito depara-se constantemente com devaneios, pois são momentos intersubjetivos de sublimação e transcendência individual. Nessa linha de raciocínio, Bachelard (1993, p. 2) defende que: “A imagem poética não está sujeita a um impulso. Não é um eco do passado.” Ou seja, ela nasce de uma concepção interior do ser, e não das estruturas produtivas materiais. Todavia, diante da topofobia, o ser vive momentos de devaneios como sendo manifestações que rogam uma transposição a um mundo inverso ao que se está vivendo. Nos sonhos inocentes e despreziosos de Macabéa coexistem devaneios de um outro lugar, menos topofóbico e mais poético: “Sabe o que eu mais queria na vida? Pois era ser artista de cinema. Só vou ao cinema no dia em que o chefe me paga. Eu escolho cinema poeira, sai mais barato. Adoro as artistas. Sabe que Marilyn era toda cor-de-rosa?” (LISPECTOR, 1999, p. 53). Há um desejo de fuga de um mundo que lhe sufoca, cobrando ação e força (caso da personagem Olímpico).

Bachelard (1993, p.6) esclarece que devaneio comumente é confundido com sonho. Porém, quando se trata “[...] de um devaneio poético que frui não somente de si próprio, mas que prepara gozos poéticos para outras almas, sabemos que não estamos mais no caminho fácil das sonolências.” Em outro trabalho, Bachelard (2006, p. 44) destaca a vinculação do devaneio com a linguagem. “Os devaneios poéticos nascem também, seja qual for o lar distante, das forças vivas da linguagem. A expressão reage fortemente sobre os sentimentos expressos.”

Helena (2006, p. 27) destaca que Clarice Lispector “[...] enfatiza questões como a simplicidade, o não-saber, a carência como passagem-limite para o sublime [...]”, tomando como exemplo o caso de Macabéa. Portanto, apesar de Macabéa não se utilizar de forma expressiva da sua linguagem como forma e superação da topofobia, não significa que ela não vivia seus devaneios, ou não buscasse o seu ambiente sublime. Clarice Lispector demonstra, como o faz Camus (2006), que no estado de absurdo nascem as superações das situações-limite, o que Camus (2003, p. 35) acredita ser possível através da revolta, afirmando que se “eu me revolto, logo existimos.”

⁵ Vale destacar que em todas essas concepções teóricas, Bachelard (1993) e Tuan (1980) deram um caráter poético e simbólico aos ambientes espaciais.

Existe uma estreita relação entre a construção da personagem Macabéa, por Clarice Lispector, e as concepções filosóficas abordadas por Camus (2003 e 2006). Essa relação se destaca, principalmente, quando se tratam dos temas relacionados ao absurdo e à busca de superação da mediocridade através da emancipação do indivíduo. Clarice Lispector e Camus mostram que o sujeito imerso em condições espaciais adversas está submetido a estados que proporcionam a sujeição e descaracterização do sujeito.

Os citados autores deixam claro que são essas condições tofóbicas que impulsionam o solapamento das questões-limite, projetando os indivíduos para uma guinada criadora. Camus e Lispector deram crédito não somente ao teor subjetivo do indivíduo, mas também, ao caráter subjetivo e psicológico que os seres humanos empregam ao espaço em que vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, nota-se a profundidade teórica contida em um curto escrito de Clarice Lispector, no seu *A Hora da Estrela*. A genialidade da autora faz com que em poucas páginas o leitor mergulhe em um oceano de significações. A cada linha lida percebe-se a densidade do texto. É um escrito que trata de psicologia individual, dissolução do sujeito contemporâneo, sociedade excludente, fenomenologia e espaço vivido. Tudo isso, sintetizado na personagem Macabéa, espectro de uma mulher, entre muitas, contidas no Brasil.

De uma forma geral, é possível concluir que Macabéa não consegue decodificar o mundo no qual foi lançada, transformando-o em uma tofobia. As representações simbólicas e poéticas (topofilia) se esvaeceram diante da sua atomização. Macabéa não soube voltar-se para sua condição intersubjetiva.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BRAIT, B. **A personagem**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1990.

BRASIL, A. A nova literatura brasileira – O romance, a poesia, o conto. In: COUTINHO, A. **A literatura no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

CAMUS, A. **O homem revoltado**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

- CARVALHO, A. L. C. de. **Foco narrativo e fluxo da consciência** – questões de teoria literária. São Paulo: Pioneira, 1981.
- DOSTOIÉVSKI, F. **Crime e castigo**. 4 ed. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. (Parte I). 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HELENA, L. **Nem musa, nem medusa**: itinerários da escrita em Clarice Lispector. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2006.
- HOUELLEBECQ, M. **Extensão do domínio da luta**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- JUNG, C. G. **A dinâmica do inconsciente**. Vol. VIII. Petrópolis: Vozes, 1984.
- LISPECTOR, C. **A Hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MARINI, M. A crítica psicanalítica. In: BERGEZ, D. et al. **Métodos críticos para a análise literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Coleção Leitura e Crítica.
- NIETZSCHE, F. **Sobre o niilismo e o eterno retorno**. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- NUNES, B. **O drama da linguagem** – Uma leitura de Clarice Lispector. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- PEREIRA, J. B. **A construção da alteridade em A Hora da Estrela**. Revista Alpha. Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas. Ano 2. nº 2. Unipam, 2001.
- SARTRE, J. P. **O ser e o nada**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.